

NOVOS PAPÉIS SOCIAIS NA ESCOLA: O MEDIADOR SÓCIO-ESCOLAR E A CONSTRUÇÃO DUMA ESCOLA ABERTA ÀS DIFERENÇAS

EQUIPA DE INVESTIGAÇÃO

Nome	Função	Grau Académico
Américo Nunes Peres	Investigador Responsável	AGREGAÇÃO
Ana Maria Sousa Neves Vieira	Investigador	MESTRADO
Cristóvão Margarido	Investigador	MESTRADO
José Antonio Caride Gómez	Consultor	DOUTORAMENTO
José Carlos Laranjo Marques	Investigador	DOUTORAMENTO
Ricardo Manuel Neves Vieira	Investigador	AGREGAÇÃO

Resumo

São cada vez mais exigidas ao professor funções multivariadas. Espera-se que os professores dos ensino básico e secundário tenham, entre outras missões, a de educadores, bons transmissores de conhecimento e de valores, instrutores, animadores, mediadores entre a escola, a família e a comunidade, construtores do sucesso educativo para todos e de futuros promissores e de qualidade de vida para todos. Não raras vezes, é-lhes pedido, também, que contribuam para o combate à discriminação e que actuem com vista à construção de uma escola e de uma sociedade cada vez mais inclusivas. Trata-se, provavelmente, de muito papel social para um professor só (Teodoro, 2006). Alguns acatam passivamente esta representação social multifacetada que os outros têm dele enquanto docente e fingem ser o que verdadeiramente não são. “A face que apresentamos ao mundo exterior, raras vezes é a verdadeira” (Fast, 1984, p. 61). E é mesmo possível que muitos destes professores usem tantas máscaras quantos os papéis sociais acima enunciados, sem nunca verdadeiramente os desempenharem tal qual as expectativas. Outros professores, provavelmente porque estão mais instalados no sistema e, talvez por isso mesmo, mais seguros profissionalmente e, portanto, capazes de veicular um eu porventura mais autêntico, dizem, simplesmente e não raras vezes, que “eu sou professor, não sou psicólogo nem assistente social...” Outro tipo de professores, ainda, ou porque vive uma condição profissional mais frágil e, portanto, procura tudo incorporar nos seus papéis sociais, ou porque se sente sensibilizado, motivado para ir além do mero processo de ensino-aprendizagem, assume essa complexidade de papéis e apresenta-se a si próprio “e à sua actividade perante os

outros, as maneiras como orienta e controla a impressão que os outros formam dele, as diferentes coisas que poderá fazer ou não fazer enquanto desempenha perante os outros o seu papel” (Goffman, 1993, p. 9) como um profissional completo, como um eu mestiço (Laplantine e Nouss, 2002; Vieira, 2006), um eu compósito (Maaloouf, 1999), ou um eu híbrido (Stoer, Magalhães e Rodrigues, 2004). Mas, parece ser verdade que, neste último tipo de professores, muitos há que convivem relativamente bem com a multiplicidade de papéis sociais que lhe são cometidos quer pelas representações sociais quer pela legislação. Estes, terão, provavelmente, incorporado um *habitus* professoral que se alonga para além das paredes da sala de aula (Nóvoa, 1992; Bourdieu, 1997; Perrenoud, 2002; Vieira, 2006; Azevedo e Baptista 2008). Mas, é facto que à escola são hoje pedidas soluções por vezes mais sociais do que simplesmente pedagógicas. E estará o professor capacitado para as abraçar todas? Terão todos incorporado esse *habitus* professoral quase também de trabalhador social? E, se não o incorporaram, será possível a profissionalização docente fazê-lo? Como? Mesmo que haja vontade de tudo abraçar, a questão é que parece duvidoso ser humanamente possível desempenhar todas essas funções com qualidade e eficácia. Mesmo que o docente se entregue voluntariamente para além do tempo exigido por lei, a verdade é que se trata de algumas funções algo específicas, que exigem formação também específica, e que, em consequência, podem não ser viáveis de desempenhar por um único professor, por muito global, glocal (Robertson, 1992; Peres, 1999), multifuncional e plurifacetado que ele seja. Deste modo, levantam-se, de seguida, algumas questões para as quais tentaremos encontrar respostas com a análise dos dados empíricos. O professor tem que ser “pau para toda a colher”? Tem que ser capaz de desempenhar e de tudo resolver desde que surja no contexto escolar? Provavelmente, a escola não pode mais ser apenas para professores. Nela há espaço há algum tempo em Portugal para o psicólogo escolar. Em Espanha, já há algum tempo a educação social, a pedagogia social e o trabalho social encontram espaço nas escolas básicas, secundárias e universitárias (Caride, 2005, p. 261). A escola tornou-se “prioritariamente um problema social e não pedagógico ou que é pedagógico na medida em que é social.” (Carvalho e Baptista, 2004, p. 14). O educador social surge, assim, essencialmente, como um mediador social (Peres, 1999; Arroiteia, 2002). O que se questiona é: Quem são os professores que já desempenham esses papéis multivariados? Como o fazem? Por que o fazem? Por vontade própria? Com que preparação? Com que resultados? Que aprendizagens podemos retirar das experiências e projectos educativos que contêm já algum trabalho social nas

escolas que estudamos? Como vêm os professores dos 2.º e 3.º ciclos uma potencial entrada destes técnicos sociais nos quadros no domínio da educação escolar? Precisarão as escolas também de Assistentes e Educadores Sociais? Ou, antes, de formação de professores/educadores para estas funções, tanto mais que os lugares para a função tradicional do docente estão praticamente esgotados?